

## A DOXA CONSERVADORA NO BRASIL: MÍDIA EVANGÉLICA E ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS EM 2018

**Adam Henrique Freire Sousa**

Mestre em Sociologia pela UFG  
Docente no Centro Universitário UniAraguaia.  
E-mail: [adamfreire25@gmail.com](mailto:adamfreire25@gmail.com)

**Andrea Vettorassi**

Doutora em Sociologia pela UNICAMP  
Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e da Faculdade de Ciências Sociais da UFG  
E-mail: [avettorassi@ufg.br](mailto:avettorassi@ufg.br)

**Péricles Andrade**

Doutor em Sociologia pela UFPE  
Docente do Programas de Pós-Graduação em Sociologia, História e Ciências da Religião e do Departamento de Ciências Sociais da UFS  
E-mail: [periclesdcs@academico.ufs.br](mailto:periclesdcs@academico.ufs.br)

### Resumo

O presente trabalho consiste em uma análise dos textos produzidos pelos websites jornalísticos religiosos Gospel Mais e Gospel Prime, que constroem notícias políticas com um viés cristão conservador durante as eleições brasileiras de 2018. Esses portais chamam a atenção por produzirem um noticiário político seguindo “uma cosmovisão cristã” ainda que voltada apenas para o público evangélico em geral. O estudo procurou compreender os processos textuais necessários para produção da notícia política sobre as eleições de 2018 sob o viés dessa “cosmovisão cristã”. Para a realização desse trabalho foram utilizados os conceitos de análise de Pierre Bourdieu (1997, 2008, 2007) sobre ortodoxia, ou, o discurso dos conservadores, nos campos da mídia jornalística, da religião e da política.

**Palavras-chave:** conservadorismo, religião, política, mídia.

## A CONSERVATIVE *DOXA* IN BRAZIL: EVANGELICAL MEDIA AND THE 2018 PRESIDENTIAL ELECTION

**Adam Henrique Freire Sousa**

Mestre em Sociologia pela UFG

Docente em Sociologia Projeto Cursinho Federal de Goiás (UFG)

E-mail: [adamfreire25@gmail.com](mailto:adamfreire25@gmail.com)

**Andrea Vettorassi**

Doutora em Sociologia pela UNICAMP

Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Departamento de Ciências

Sociais da UFG

E-mail: [avettorassi@ufg.br](mailto:avettorassi@ufg.br)

**Péricles Andrade**

Doutor em Sociologia pela UFPE

Docente do Programas de Pós-Graduação em Sociologia, História e Ciências da Religião e do

Departamento de Ciências Sociais da UFS

E-mail: [periclesdcs@academico.ufs.br](mailto:periclesdcs@academico.ufs.br)

### Abstract

This paper consists of an analysis of the texts produced by the religious news websites *Gospel Mais* and *Gospel Prime*, which have presented political news based on a conservative Christian perspective during the 2018 Brazilian elections. These websites draw attention as they produce political news based on “a Christian worldview”, even though only aimed at the evangelical audience in general. The study aimed to understand the textual processes necessary to produce political news regarding the 2018 election from the perspective of that “Christian worldview.” To carry out this study, we used Pierre Bourdieu's concepts of analysis on orthodoxy (1997, 2008, 2007) or the discourse of conservatives in the fields of news media, religion, and politics.

**Keywords:** conservatism, religion, politics, media.

A proposta desta pesquisa é fazer um estudo sobre como os websites *Gospel Prime*<sup>1</sup> e *Gospel Mais*<sup>2</sup> construíram notícias sobre o campo político durante as eleições de 2018 seguindo um viés reivindicado como religioso evangélico. Identifica-se que o tipo de notícia política produzida pelos portais citados segue linhas políticas e religiosas bem definidas em suas linhas editoriais, o que implica em um objeto que perpassa os campos político, religioso e midiático. O intuito aqui é entender como esses portais transitam por essa intersecção entre os campos político, religioso e midiático no qual se inserem.

Essa pesquisa foi concebida e realizada em uma das maiores crises políticas e sociais da história recente do Brasil. No âmbito político essa crise tem início com o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016 e se alastra até hoje durante o atual mandato do presidente Jair Bolsonaro (eleito pelo PSL, atualmente sem partido, mas que será tratado ao longo da dissertação como representante do PSL, pois assim o erro no período da pesquisa) marcado por uma instabilidade institucional e diversos episódios controversos e escândalos de natureza midiática que geram instabilidade institucional e econômica. A partir do início de

<sup>1</sup> Portal com uma interface mais simples e arrojada, sendo mais voltado para a cobertura de notícias de política nacional e internacional. Enquanto o Gospel Mais se dedica a uma ceara maior de assuntos e temas dentro do universo cristão, o Gospel Prime se dedica exclusivamente à política e a notícias envolvendo os cristãos em várias partes do mundo. Sua interface já vem com a seção política bem colocada numa barra na parte superior da página. Tem como sede a cidade de Itajaí, estado de Santa Catarina. Está registrado em nome da empresa Prime Comunicação LTDA, tendo David Gregório Neto como dono. Apesar do *website* ser mais antigo, está cadastrado como desde 2014. O Gospel Prime tem como mentor o pastor David Gregório Neto, da Igreja Batista de Itajaí, e o teólogo Jarbas Luiz Lopes de Aragão, de mesma denominação. Assim como campanha eleitoral o jornal eletrônico não divulgava o nome de seus colunistas, assim como o *Gospel Mais*, havia apenas a referência a David Gregório e Jarbas Aragão. Entretanto, na época, alguns artigos continham a assinatura da ativista evangélica Viviane Pettinelli, do ativista judeu Leonardo Grobman e do ativista João Carlos Biagini, atualmente já consta um grupo de 60 colunistas<sup>2</sup> O *Gospel Prime* possui não só um foco maior em política, como os seus colunistas possuem relações com a política partidária. Viviane Pettinelli, é atual Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente no Ministério dos Direitos Humanos e da Mulher, pelo Governo Jair Bolsonaro, e possui um histórico de ativismo evangélico voltado contra a Legalização do Aborto.

<sup>2</sup> Jornal eletrônico que se autointitula jornal de notícias cristãs. Segundo o Similarweb, tem sua sede em Curitiba, Paraná. O Gospel Mais é registrado em nome da empresa Gospel Mais Comunicação Cristã LTDA, fundado em 2007, em nome de Denise de Lira Cortázio e como sócio, seu irmão Danilo Cortázio. Curiosamente, ambos não são jornalistas, sendo Denise de Lira Cortázio, formada em Gestão da Informação pela Universidade Federal do Paraná a partir de 2004, e Danilo Cortázio com uma carreira voltada para a Administração de Empresas. O perfil dos donos, como se supõe, é empresarial, sendo Denise sócia de diversas empresas, enquanto Danilo Cortázio sócio de duas. Quanto a denominação religiosa a qual pertencem foi averiguado através das redes sociais Facebook e Instagram que Denise é fiel da Igreja Cruz Verde de Curitiba, enquanto Danilo Cortázio, não tem nenhuma ligação clara com nenhuma denominação religiosa. Durante o período eleitoral de 2018 a equipe era assinada apenas por dois colunistas: Will R Filho e Tiago Chagas. Após o período eleitoral os nomes de diversos autores começaram a constar nas matérias e nas equipes editoriais. Foi também encontrada na rede LinkedIn o perfil de Sonia Hernandes, como Diretora do Gospel Mais, contudo sem maiores informações sobre, nem no site pesquisado, nem no perfil. O Gospel Mais tem um vasto repertório de textos sobre música gospel, livros cristãos e recomendações de estudo bíblico para os jovens. Possui uma coluna específica também para política, compondo metade do número total de textos produzidos. Possui 6 seções: “Mundo Cristão”, “Brasil”, “Política”, “Missões”, “Esportes” e “Sociedade”.

2020, a crise sanitária causada pela pandemia mundial do coronavírus potencializa ainda mais as incertezas já existentes sobre o futuro social do país.

Esse momento histórico é marcado pela emergência de três fenômenos sociais e políticos que transformaram o espaço público brasileiro: 1) consolidação da internet como importante veículo de comunicação para difusão dos bens simbólicos na cultura brasileira e, portanto, se tornando um espaço proeminente da disputa simbólica político-partidária nacional; 2) pela emergência de novos atores políticos após o impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016, principalmente pela chamada “*nova onda conservadora*” permeada por novos atores políticos do espectro de extrema direita que se organizaram em torno da candidatura de Jair Bolsonaro (ALMEIDA, 2019); 3) emergência de grupos religiosos com influência na disputa por espaço na política, sobretudo grupos evangélicos que segundo Mariano e Gerardi (2019) se aliaram a grupos da “*nova onda conservadora*” para disputar cadeiras no legislativo, bem como, auxiliar na eleição de Jair Bolsonaro como a presidência em 2019.

Nesse novo contexto, onde a internet ganha importância a partir dos anos 2000 como arena de debate e disputa política impulsionada pelas mídias sociais como Twitter, Facebook, Youtube e Instagram, Manuel Castells (2013) aponta que diversos movimentos sociais da atualidade encontram na internet um espaço de propagação de suas idéias e de articulação de ações políticas *anti-establishment* citando revoluções recentes como o Occupy Wall Street e a Primavera Árabe como exemplos.

No Brasil não foi diferente, sendo que entre a Revolta dos 20 Centavos de 2013 (BATISTA, 2014), o impeachment de Dilma Rousseff em 2015 (BRAGA; CARLOMAGNO, 2018) e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 (ALMEIDA, 2019), a internet teve um papel crucial na organização política dos grupos envolvidos. Da mesma forma que movimentos sociais passaram a se organizar pela internet e redes sociais os grupos da direita conservadora também aderiram às redes. Isso se refletiu em ambas nas eleições presidenciais entre 2010 e 2018.

Sendo as Eleições Presidenciais de 2018 marcadas pela ascensão da força política dos evangélicos em âmbito institucional, e pela atuação e impacto de notícias falsas como forma de influenciar o eleitorado, jornais religiosos como o *Gospel Prime*, acusados de propagação de *fakenews*, e atuação ligada a atores políticos, podem se tornar estratégicos no entendimento desse contexto. O fato da acusação de propagação de *fakenews* ter sido rebatida pelos

idealizadores do jornal com a justificativa de uma diferente “cosmovisão” voltada para uma perspectiva cristã apenas endossa os questionamentos que impulsionam essa pesquisa.

Afinal, em que se trata essa cosmovisão cristã evangélica propagada pelo *Gospel Prime* e *Gospel Mais*? Como ela se relaciona com esse novo cenário político, permeado pela emergência de novas figuras do conservadorismo aliados a grupos evangélicos em disputa com os setores mais progressistas da sociedade brasileira pelo domínio não só institucional, mas cultural e econômico? Como ela se relaciona com a diversidade cultural, histórica e de posicionamentos políticos do meio evangélico, uma vez que esses não possuem um projeto político comum? E por último como sua produção jornalística, que se diz guiada por princípios cristãos, traduz esses relacionamentos com a política e a religião? É possível perceber que todos os colunistas são preponderantes no campo religioso, alguns são diplomados em teologia, outros praticam algum ativismo cristão, ainda que restrito ao espaço virtual em alguns casos. Ou seja, de fato, há uma diversidade de denominações, inclusive como no caso de João Carlos Biagini há espaço para atores de fora do meio evangélico.

### **A Mídia Evangélica Conservadora**

Durante o período das eleições de 2018 fora realizada uma leitura prévia e diária dos textos publicados pelo *Gospel Mais* e o *Gospel Prime* que tratavam das eleições presidenciais. Essa leitura prévia proporcionou informações básicas sobre os textos, formas de abordagem dos temas e personalidades políticas importantes. Essa fase da pesquisa se deu num período de Julho a Janeiro de 2018. Julho fora escolhido por ser um mês em que são estabelecidos os rumos das campanhas eleitorais, e janeiro para constatar se as tendências observadas são mantidas.

Foram escolhidos 30 textos. As categorias de representação se concentram em pontos principais que permeiam todo o enunciado da narrativa sociopolítica construída pelos jornais pesquisados. Compreende-se que esses eixos dão conta das significações e das relações sociais presentes no enunciado de textos que cobriram as Eleições Presidenciais de 2018. Fez-se então a construção de uma análise de acordo com as categorias principais: “a defesa do mundo social”, os líderes elencados como legítimos”, “o cristão conservador como a única possibilidade para o campo evangélico”, “a reificação dos termos “comunismo/socialismo” e

ideologia de gênero”, “a construção de um pânico moral em torno dos candidatos de esquerda” e “a construção da parcialidade via defesa da doxa”<sup>3</sup>

A primeira característica percebida pela análise foi a eleição de líderes evangélicos conservadores como voz legítima perante o campo religioso. Líderes como Silas Malafavia, pastor e líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), Magno Malta, também pastor da ADVEC, o deputado Marcos Feliciano na época do Partido Social Cristão, pastor da Assembleia de Deus, entre muitos outros tem um destaque especial em ambos os jornais.

As linhas de distinção as quais tanto o *Gospel Mais* quanto o *Gospel Prime* se valem do posicionamento perante os campos aos quais perpassam, e, vão ao encontro da construção da imagem legítima do evangélico. Essa imagem legítima é ancorada na ortodoxia do campo evangélico e político. Ou seja, na reivindicação da manutenção da *doxa* logo das ideias e formas de representação dominantes presentes nos campos político e religioso.

Segundo Pierre Bourdieu (2008, 2007) *doxa* consiste no arranjo do espaço social reconhecido, ou, irreconhecido, como estabelecido pelos atores sociais desse campo. A doxa, é a forma permanente dos símbolos e signos sociais, consiste em tudo aquilo que é considerado natural, dado, inquestionável. São os interesses inerentes a cada um dos atores sociais de um campo que vão ditar as posições destes quanto à doxa “uma visão correta, dominante, que só se impôs ao cabo de lutas contra visões concorrentes” (BOURDIEU, 2007, p. 132). De um lado há os dominantes, interessados em manter o status-quo de suas relações sociais, de outro os dominados, interessados na “quebra da doxa” (Op. Cit., p. 32) na subversão do espaço social.

Todos os atores e temas políticos são representados pelos textos seguindo essa premissa de manutenção da doxa, ou ortodoxia. Os jornais se despem de qualquer pretensão de neutralidade, comum ao habitus do campo jornalístico, e embarcam em uma narrativa que visa a construção do que é ideal, em suma legítimo, dentro do campo evangélico. Há nessa narrativa a prescrição de atores políticos, ideologias, formas de abordagem de temas, como normais, naturalizados, para o reconhecimento do cristão ideal.

---

<sup>3</sup> Além desses, também foram identificados mais dois componentes dessa doxa: “o protagonismo de Jair Messias Bolsonaro como única possibilidade nas eleições de 2018” e “O protagonismo de Jair Messias Bolsonaro como única possibilidade nas eleições de 2018” e “a representação de Marina Silva como a grande antagonista de Jair Bolsonaro. Entretanto, serão analisados em outra publicação.

O evangélico ideal no contexto criado por essa narrativa tem como base em um cristão conservador, anticomunista, e que prefere candidatos do espectro de direita. Essas qualidades são elencadas como cruciais para a adequação do cristão evangélico enquanto eleitor. Aqui é apontado um único caminho que perpassa o aspecto político e religioso dos fiéis.

A forma mais perceptível dessa prescrição se dá em artigos sobre o voto cristão, onde as tendências políticas legítimas são eleitas, bem como, na própria forma como os espectros e atores políticos são descritos e criticados. Outra maneira dessa prescrição se apresenta no fato de que narrativa dá voz somente aos líderes políticos e religiosos que venham corroborar seus posicionamentos.

É fato que o Brasil conservador se refere diretamente ao pensamento na política partidária que defende a *doxa*, a manutenção do *status-quo* nos campos político e econômico. Um pensamento que se alinha a norma, a manutenção das posições de gênero, dos papéis administrativos do Estado, da estrutura familiar, a ordem garantida pelos poderes coercitivos estatais. Tudo isso em uma atmosfera em que reina a palavra “respeito”, que tem uma conotação positiva por prever um benefício social na manutenção dos respectivos *status*.

A exacerbação ao militarismo, “que a paz quer com fervor”, a manutenção da ordem através da garantia de segurança vem aqui combinar com uma atmosfera onde a utopia é a ausência dos movimentos sociais como o MST, ou os *black blocks*, sem sindicatos “queimando pneus”. A manutenção do *status-quo* social privilegia aquilo que já é dado, já é tido como naturalizado em nossa sociedade, ao passo que nega qualquer forma do que é visto como quebra dessa harmonia.

Por outro lado, o Brasil Progressista, é de esquerda, pois os valores elencados são heterodoxos, que não apenas contradizem o *status-quo* social, mas, trazem o caos e a violência. Nessa lógica a esquerda é caótica, é corruptível, é violenta. Países em crise são retratados como governados pela esquerda, culpada de todos os seus problemas.

Não há aqui espaço para dicotomias, não há equivalência de forças baseadas em prós ou contras, há apenas um lado ideal a ser seguido. A pergunta final ilustra o ponto ao qual o leitor deve se perguntar. A ordem ou o caos?

Esse foi um dos primeiros de uma série de artigos de opinião que se dedicaram a prescrição do posicionamento político ao público cristão. Uma outra ação recorrente é a publicação de declarações e entrevistas de líderes religiosos, sobre o assunto como no artigo a seguir:

O pastor Franklin Ferreira, diretor do Seminário Martin Bucer e consultor acadêmico de Edições Vida Nova, vem falando constantemente em suas redes sociais sobre movimentos de evangélicos que possuem abertamente uma posição “progressista”. O termo é usado para definir a corrente de pensamento “dos que aceitam a evolução ou mudanças, especialmente em matéria de religião”.

De acordo com Ferreira, estes membros de igrejas evangélicas são “esquerdistas” que veem “a missão principal do cristão é o serviço aos pobres ou a defesa das causas das minorias”. (...) O pastor lamenta que os cristãos progressistas “desprezam as igrejas tradicionais”, preferindo “agências paraeclesiais ou ONGs apartadas das igrejas” para atuar. O contraponto histórico apontado por Ferreira é justamente que foram as igrejas tradicionais espalhadas por todo o Brasil que “fundaram hospitais, escolas, universidades, orfanatos, asilos, institutos para deficientes visuais, etc.”. Destacando o exemplo da “Cristolândia”, conhecido projeto batista, contrasta com a ausência de trabalhos significativos criados pelos que gostam de criticar as igrejas tradicionais. “Os ‘cristãos progressistas’ tendem por subverter a Igreja, a comunidade da Palavra e do Sacramento, transformando-a numa mera associação social e humanitária a serviço da esquerda. Mas quando isso ocorre, pastores progressistas, metidos a intelectuais, ricos e bem-vestidos, não mais cuidam dos membros da igreja – somente os usam”, dispara. Em sua opinião, esses grupos acabam se tornando apenas aliados casuais “de partidos de esquerda e extrema-esquerda”<sup>4</sup>.

Como é possível observar as tendências averiguadas no texto anterior se repetem nessa matéria. A primeira explicação sobre o que é progressismo “corrente de pensamento dos que aceitam a evolução ou mudanças, especialmente em matéria de religião” indica que o desvirtuamento referido no título, consiste na quebra da *doxa* por parte desses “cristãos progressistas” que ao proporem uma mínima mudança no *habitus* religiosos ou político são automaticamente são retratados como “esquerdistas”.

A afirmação que esses cristãos “progressistas” ou “esquerdistas” “desprezam as igrejas tradicionais” e as preterem em favor de “ONG’s” vem para deslegitimar sua posição no campo religioso. Afinal os retira do seio da instituição religiosa, (a qual não só “não querem fazer parte”, como “desprezam”) e os coloca direto num lugar vago, inserto, que remete a política. De fato, as Organizações Não Governamentais são representadas nos textos estudados como um espaço pertencente ao espectro de esquerda da política partidária, portanto, nesse contexto, contrários ao campo religioso.

O último parágrafo assenta a pá de cal nessa formulação ao proclamar claramente que o cristão progressista se afasta da sua denominação em detrimento da adoção de práticas do

<sup>4</sup><https://www.gospelprime.com.br/cristaos-progressistas-desvirtuaram-a-missao-crista-alerta-teologo/>



espectro de esquerda. A contradição nessa formulação é a de que o habitus religioso seria incompatível com o habitus político do espectro de esquerda, ao mesmo tempo em que o silêncio sobre a direita política também é sugestivo. Nota-se que não se fala do campo político como um todo, ou seja, de uma possível promiscuidade entre a política partidária e as igrejas evangélicas, mas, sim de uma suposta deslegitimação do fiel que se aproxima da esquerda política.

Ao analisar os dois textos há uma construção do posicionamento político legítimo a partir daquilo que o cristão não deve ser. O cristão ideal não deve propor quebras na *doxa*, ou seja, adotar qualquer tipo de mudança como visão de mundo preestabelecida, mas sim abraçar a *doxa*, o que transmite “paz” e “segurança”. A manutenção do status-quo é então a forma eleita de legitimidade para se transitar entre os campos político e religioso.

Apesar da complexidade dos termos comunismo e socialismo, nos textos analisados ambos os conceitos são associados a violência, a desordem, a opressão e a repressão religiosa. Um exemplo são essas passagens de um artigo sobre o líder cristão conservador e evangélico E.W Jackson, que dispara:

A onda conservadora que vem crescendo no mundo nos últimos anos não é por acaso. Com a liberdade religiosa sendo cada vez mais suprimida em nome do “politicamente correto” e a relativização radical dos valores judaico-cristãos trazendo consequências negativas no comportamento das famílias, lideranças cristãs iniciaram uma campanha de reação contra o avanço do que chamam de “marxismo cultural”.

Um desses líderes é o bispo e ativista político conservador E.W. Jackson, fundador do STAND (Permanecendo Fiel ao Destino Nacional da América), uma organização que tem como objetivo “preservar a vida, a família tradicional e os valores judaico-cristãos como a base de nossa cultura”.

Jackson, que também lidera a igreja do Exodus Faith Ministries em Chesapeake, Virgínia (EUA), publicou um vídeo onde faz um apelo aos eleitores para que não votem nos candidatos alinhados com o “socialismo”, já que segundo ele essa perspectiva não apenas nega a existência de Deus, como também visa substituí-lo em nome do Governo.

“O socialismo é uma ideologia marxista que nega a existência de Deus, que tenta substituir pelo governo. [Essa ideologia] foi responsável pela fome em massa, tortura, assassinato e escravidão”, disse ele, referindo-se aos antigos regimes comandados por Josef Stalin, Vladimir Lenin, Mao Tsé-Tung e outros, além dos atuais, como o líder venezuelano Nicolás Maduro e Daniel Ortega, da Nicarágua.

Jackson argumenta que o objetivo dos políticos socialistas é submeter os cristãos à sua ideologia, não permitindo que exista discordância, mas apenas obediência. “[O socialismo] não permite liberdade de expressão ou pensamento. Os cristãos são seus

principais inimigos, pois acreditamos na liberdade e adoramos ao único Deus verdadeiro e vivo”, disse ele.

Outro artigo intitulado “Estamos em guerra com o comunismo e precisamos vencê-lo<sup>5</sup>”, de Helio Eguinaldo de Souza, publicado pelo Gospel Prime, possui uma premissa semelhante. O artigo conclama os cristãos a uma guerra contra o comunismo:

“Guerra” é uma palavra forte, mas quem ainda não foi contaminado pelo delírio marxista sabe muito bem que estamos falando de algo muito maior que uma simples escolha de governantes. Estamos falando da escolha entre a vida e a morte, entre o avanço e a falência, entre uma normalidade civil e uma sociedade patogênica. A história da Rússia e do leste europeu são claros testemunhos históricos, ignorados apenas por aqueles que desejam reproduzir os mesmos infernos (...). A Venezuela é talvez o termômetro mais acessível sobre o perigo que corremos. Os que hesitam em usar bem seu voto e nos tirar dos trilhos esquerdistas rumo aos abismos profundos da loucura bolivariana deveriam mudar-se para Coreia do Norte ou Cuba. Melhor desfrutarem por livre e espontânea vontade de seu inferno particular do que obrigar todos a viver nele por causa de sua loucura voluntária.

Vale lembrar que na década de 1960, Deus levantou homens como o pastor Enéas Tognini para que a Igreja orasse contra o comunismo. E Deus ouviu a oração de seu povo. Do mesmo modo, durante as décadas de 60 e 70, houve um avivamento no Brasil. E muitos jovens, cheios do Espírito Santo, agiram no sentido de deter a onda comunista que já atuava nas universidades. Agora é a nossa vez.

Ambos os textos tratam de palavras distintas ao qual é atribuído o mesmo significado e abordagem. A reificação dos conceitos de comunismo e socialismo convergem para um caminho comum. Atribui-se a estes uma forma de governo baseada no autoritarismo, na violência, na perseguição religiosa e ao fim dos valores familiares.

Somado a isso, essa forma de governo do espectro de esquerda demoveria a figura de Deus como central na sociedade substituindo pelo “Estado”. Essa substituição se dar de forma violenta, através da subjugação dos cristãos a “ideologia de esquerda” afinal, “estamos falando da escolha entre a vida e a morte, entre o avanço e a falência, entre uma normalidade civil e uma sociedade patogênica”. Como exemplo a situação da Venezuela, Rússia, Cuba, Coreia do Norte, países que nessa narrativa vivem o “inferno” comunista.

É uma tendência geral que a narrativa desse tipo de texto se feche de forma eleitoreira. Nessa lógica, o voto é a única arma nessa “guerra” contra a opressão anticristã e violenta dessa

<sup>5</sup> SOUZA, Eguinaldo de Souza. Estamos em guerra contra o comunismo e precisamos vencê-la. Gospel Prime. 13 de outubro de 2016. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/guerra-contr-comunismo-precisamos-vencer/>.

“forma de governo de esquerda”. A solução para ganhar a guerra: “não vote em candidatos de esquerda”.

A “ideologia de gênero” é o outro conceito utilizado para se deturpar posições políticas. Nos textos analisados sobre reivindicações de líderes evangélicos a luta contra a “ideologia de gênero” é sempre presente, ainda que o conceito não seja explicado. Uma matéria com declaração do pastor R.R. Soares de apoio a Jair Bolsonaro é emblemática:

Nas últimas 24 horas, duas manifestações de importantes líderes religiosos do país em favor do presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) reforçaram a ideia de que ele é visto como o mais viável para que o combate a agendas liberais como a “ideologia de gênero”. O Missionário R. R. Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, que nunca tinha apoiado oficialmente um candidato a presidente antes, decidiu se manifestar em um vídeo publicado na noite desta sexta-feira (5). “Eu vou votar no Bolsonaro. Eu analisei todos os projetos e o dele é o melhor, principalmente no caso da ideologia de gênero. Estão convencendo que meninos podem ser meninas, ou meninas podem ser meninos. Isso é uma loucura”, justifica Soares.<sup>6</sup>

Nos textos a ideologia de gênero é utilizada como recurso retórico para enfatizar o desvio sexual impostos a criança ou adolescente pela escola e pelo ativismo LGBTQ. Não há nenhuma explicação mais concreta do que seja a ideologia de gênero nos textos pesquisados durante as eleições de 2018. Contudo foi feita uma averiguação da palavra ideologia de gênero e foram identificadas 320 matérias tratando sobre ou mencionando o tema em ambos os *websites* durante os anos de 2016 a 2018.

O entendimento do que seja Ideologia de Gênero nesse contexto é melhor explicado em um artigo de 18 de março de 2018:

O que é Ideologia de Gênero?

A Ideologia de Gênero, ou melhor dizendo, a Ideologia da Ausência de Sexo, é uma crença segundo a qual os dois sexos — masculino e feminino — são considerados construções culturais e sociais, e que por isso os chamados “papéis de gênero” (que incluem a maternidade, na mulher), que decorrem das diferenças de sexos alegadamente “construídas” — e que por isso, não existem — são também “construções sociais e culturais”.

O que é Ideologia de Gênero?

A Ideologia de Gênero, ou melhor dizendo, a Ideologia da Ausência de Sexo, é uma crença segundo a qual os dois sexos — masculino e feminino — são considerados construções culturais e sociais, e que por isso os chamados “papéis de gênero” (que

<sup>6</sup> ARAGÃO, Jarbas. R. R. Soares pede voto em Bolsonaro: “Contra a ideologia de gênero”. Gospel Prime 20 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/r-r-soares-pede-voto-em-bolsonaro-contra-a-ideologia-de-genero/>. Acesso em 20 de abril 2019.

incluem a maternidade, na mulher), que decorrem das diferenças de sexos alegadamente “construídas” — e que por isso, não existem — são também “construções sociais e culturais”.

Que chance tem uma criança em meio a uma ofensiva tão violenta?

Abuso de crianças toma uma série de formas, e às vezes é mais psicológico do que físico. Quando uma criança é privada da verdade sobre seu gênero, todo o inferno se solta na auto percepção da criança. E quando você mexer com uma mente jovem de uma maneira tão nefasta, há uma alta probabilidade de que a criança nunca venha se recuperar.

(...) Os cromossomos são ignorados, já que a progressiva parentalidade\* exige neutralidade de gênero. Na realidade, as fêmeas têm um par XX de cromossomos sexuais, enquanto os machos têm um par XY. A ciência confirma o que a Escritura revela: “Macho e fêmea, Ele os criou”. (Gênesis 1:27) Christian post

Por que os ativistas preferem a doutrinação da criança?

A ideia é simples: Eles destroem os princípios bíblicos ensinando a criança, pois quando essa estiver crescida vai continuar defendendo essa ideologia. Usam a mesma estratégia bíblica descrita em Provérbios 22:6 “Ensina a criança no Caminho em que deve andar, e mesmo quando for idoso não se desviará dele!”

Não podemos mudar o que DEUS fez!

“Assim Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou. MACHO e FÊMEA os criou” (Gênesis 1.27). No ventre já está definido o nosso gênero, somos o que o ultrassom revelou. Não aceite pais que seus filhos sejam doutrinados por esses ativistas, eles estão a servido do diabo e a intenção é trazer confusão na mente de nossas crianças.

Esse trecho confirma a “ideologia de gênero” como uma forma de violência infligida contra a criança e o adolescente, onde se negam o sexo da criança. É uma forma de entender o sexo que se opõe as posições “normais”, e enquanto “normais”, predispostas do gênero no âmbito social. Essa ideologia tem como principal objetivo de “destruir os princípios bíblicos” ao tentar subverter o dogma de que “Deus criou macho e fêmea”.

Na narrativa de textos a “ideologia de gênero” é atribuída a todo o espectro de esquerda do campo político. Da mesma forma como o comunismo e o socialismo estão em guerra contra o cristianismo, à ideologia de gênero aparece para subverter os valores cristãos. A solução apontada nos textos por líderes religiosos para lidar com o problema é a mesma: não votar em candidatos de esquerda.

É interessante apontar que em momento alguma a palavra “democracia”, ou “democrático” é mencionada nos textos. Apesar de se atribuir a perseguição e autoritarismo a “esquerda”, ao “progressismo”, ao “comunismo” e a “ideologia de gênero”, não se profere que o combate a

esses conceitos deve ser feitos para proteger os direitos democráticos. Apesar de se citar a palavra “liberdade”, essa acena para o campo religioso, não para o político.

A proteção da *doxa* defendida pelos jornais é de caráter exclusivamente religioso. O que aponta que há uma perspectiva de que o campo político pode interferir diretamente no campo religioso. Essa perspectiva cria a necessidade de formas de ação e percepção transversais entre os campos.

Para se pensar mais profundamente sobre essa perspectiva transversal é necessário primeiro se fazer uma análise da representação dos candidatos a eleição. A narrativa dos textos representa as personalidades de esquerda como agentes deslegitimados e deslegitimadores dos campos político e religioso, portanto, os principais a serem vencidos. Os candidatos de direita foram sub-representados, com nenhuma matéria exclusiva sobre eles em ambos os jornais, com algumas poucas menções.

Em contrapartida, há a representação do candidato Jair Bolsonaro como a única opção viável para disputar a eleição. A representação dos candidatos de esquerda segue as mesmas regras da representação dos conceitos ao redor desse segmento do campo político. Tal qual com o comunismo, o socialismo, e a ideologia de gênero, os candidatos do espectro de esquerda vêm trazendo “o caos e a perseguição religiosa”. Da mesma maneira como sua forma de governo, eles são autoritários e se envolvem em corrupção.

O partido político mais citado foi o Partido dos Trabalhadores, sendo responsável por 91,4% das menções a partidos políticos. A atmosfera criada em torno do partido pela narrativa de textos é a do envolvimento do partido com a prisão do ex-presidente Lula, durante a operação Lava-Jato. A fórmula da descrição a partir da perspectiva de um líder evangélico que segue uma postura de conformidade com a linha editorial se repete.

Malafaia diz que PT é formado por “produtores do caos”

Pastor diz que evangélicos devem orar para “Deus nos livrar” dos comunistas

Nos últimos dias o Brasil assistiu a um imbróglio judicial referente à soltura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, causado pela decisão do desembargador Rogério Favreto, plantonista do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4).

Ao expedir um habeas corpus para que Lula pudesse fazer campanha presidencial, Favreto desafiou as leis em vigor no país, atropelando decisões tomadas tanto pelo pleno do TRF-4 quanto do Supremo Tribunal Federal (STF). Indignado com a tentativa de soltar Lula através do “ativismo jurídico”, o pastor Silas Malafaia gravou um vídeo onde voltou a denunciar o Partido dos Trabalhadores.

Lembrando que Favreto foi filiado ao PT quase 20 anos e foi indicado pela ex-presidente Dilma para a posição que ocupa, Malafaia disparou: “É uma vergonha este desembargador petista... existe resolução do judiciário. Um plantonista não pode fazer o que ele fez”.

Na opinião do pastor, “não podemos aceitar o jogo desses esquerdopatas, que querem desmoralizar [os poderes] judiciário, legislativo e executivo”.

Segundo o líder do ministério Vitória em Cristo, “eles mesmos [petistas] são produtores do caos e agem de maneira cínica”. Classificando-os de “verdadeiros comunistas”, o pastor enumerou vários elementos que mostram como funcionou o “aparelhamento” do país nos anos em que o PT governou.

“Agora eles querem inverter tudo”, sentenciou, afirmando que os petistas foram “o governo mais corrupto da história do Brasil”. “Não podemos aceitar”, lamentou Malafaia, ressaltando que há muitas pessoas pobres que os apoiam por que dependem do “Bolsa esmola”. “Isso é coisa de comunista. Essa gente precisa ser varrida pelo viés legal. Povo evangélico vamos orar para Deus nos livrar, pois isso é uma praga na sociedade brasileira”, encerrou<sup>7</sup>.

A matéria trata da ocasião quando o então desembargador Rogério Favreto, em plantão como desembargador do Tribunal Regional Federal da Quarta Região (TRF-4) emitiu um pedido de Habeas Corpus (ordem de soltura) para o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (Lula), que se encontrava preso numa prisão federal da cidade de Curitiba<sup>8</sup>. A ocasião causou controvérsias com o juiz Sérgio Moro, responsável pela prisão de Lula, e com o presidente do TRF-4 na época, Thompson Flores. O habeas corpus foi cancelado 14 horas depois pelo procurador Gebran Neto, também ligado a operação Lava-Jato<sup>9</sup>. A abordagem política por ambas as partes gerou bastante controvérsia como abordam os principais veículos de comunicação.

Não se abordam nessa análise os juízos de valor que o pastor Silas Malafaia faz sobre o caso, mas sim os elementos adicionais que ele evoca para construir sua crítica. Elementos como “bolsa esmola” em referência ao “Bolsa Família”, “produtores do caos”, “verdadeiros comunistas” são destacados na matéria ocupando um espaço maior do que a própria crítica ao caso em si. Isso posiciona a matéria em consonância com a maior parte de textos que tratam do Partido dos Trabalhadores e seus candidatos.

<sup>7</sup> ARAGÃO, Jarbas. *Malafaia diz que PT é formado por “produtores do caos”*. 10 de julho de 2018. *Gospel Prime*. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/malafaia-pt-produtores-do-caos/>

<sup>8</sup> CONSULTORIO JURÍDICO. *Desembargador do TRF-4 manda soltar Lula ainda neste domingo*. 8 de julho de 2018. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2018-jul-08/desembargador-trf-manda-soltar-lula-neste-87>. Acesso em 20 de abril de 2019.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Mariana. *Relator da “lava jato” no TRF-4 manda PF não cumprir liminar de soltura de Lula*. 8 de julho de 2018. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2018-jul-08/gebran-neto-determina-pf-nao-cumpra-liminar-soltura-lula>. Acesso em 20 de Abril de 2019.



Também é mantida a denúncia de subversão da doxa (“eles querem inverter tudo”) ao infringir o caos através da implantação do “comunismo”. O comunismo é ainda associado ao Bolsa Família, programa social de transferência de renda criado pelo governo de Luís Inácio Lula da Silva, baseia-se no pagamento de R\$ 89,00 reais por integrante de famílias em extrema pobreza<sup>10</sup>, mantido até a presente data como um bem-sucedido programa social. Uma vez já explicitado o que “comunismo” significa nesse contexto, é possível avaliar que qualquer ação proferida pelo Partido dos Trabalhadores é passível de crítica contundente e associação ao termo.

Um outro aspecto interessante é que a palavra “petista” não só é usada para se referir ao partido, mas também é ressignificada, como sinônimo de “esquerdista” ou “comunista”, e passa a ser atribuída a outros personagens sem relação direta com o partido.

A corrupção é outra atribuição direcionada para retratar o partido. E um artigo sobre o mesmo tema, mas dessa vez retratando a perspectiva do pastor e deputado, Ezequiel Teixeira (PSL):

Teixeira mostrou indignação com os argumentos que vem sendo usados pela defesa do ex-presidente preso para tentar sua liberação. “Os petistas querem transformar o Brasil numa anarquia... Afrontam nossas instituições e desafiam a nossa inteligência”, acusou, destacando que Lula não poderá se candidatar nas próximas eleições porque foi condenado em duas instâncias, sendo, portanto, “ficha suja”.

O parlamentar, que também é pastor e líder da Igreja Projeto Vida Nova, fez um apelo: “Minha gente, não se deixe enganar. Vamos banir do nosso país todos esses corruptos. As eleições estão chegando e é uma excelente oportunidade para que possamos colocar o Brasil de cabeça para cima... o Senhor abomina a corrupção. O PT já está condenado. Não ficará pedra sobre pedra! Que o Senhor tenha misericórdia da nossa nação”<sup>11</sup>.

A própria palavra “corrupção” é citada frequentemente, contudo, nenhum episódio é citado claramente. Apesar disso, alia-se “corrupção” a narrativa de subversão dos valores sociais via implantação do “caos” e da “anarquia” proporcionada pelo partido.

A representação do Partido dos Trabalhadores funciona como uma “preparação do cenário” para os seus candidatos. A matéria intitulada “Autoritário, plano de governo de Lula quer controle da Justiça e legalização de aborto e drogas” publicada pelo Gospel Mais, de Thiago

<sup>10</sup>CAIXA. Bolsa Família. Disponível em <http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acesso em 20 de abril de 2019.

<sup>11</sup>GOSPEL PRIMEI. Ezequiel Teixeira: “o PT quer transformar o Brasil numa anarquia”. 10 de julho de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/ezequiel-teixeira-o-pt-quer-transformar-o-brasil-numa-anarquia/>. Acesso em 20 abril de 2019.

Chagas, traz uma análise sobre os pontos do Plano de Governo do Presidente Lula. Apenas quatro planos de Governo foram analisados, os de Bolsonaro, Marina Silva e Lula e posteriormente o de Fernando Haddad.

Autoritário, plano de governo de Lula quer controle da Justiça e legalização de aborto e drogas.

O Partido dos Trabalhadores montou um plano de governo para a candidatura do ex-presidente Lula com propostas claras de controle da mídia, apoio ao aborto e ideologia de gênero, legalização das drogas, nova constituição e intervenção externa na Justiça.

O autoritarismo embutido no plano de governo proposto pelo ex-presidente – condenado e preso por corrupção e lavagem de dinheiro – também pretende combater oposições políticas, além de prever uma reforma no currículo educacional para excluir as aulas de História, importante ferramenta usada para expor o fracasso do socialismo e comunismo mundo afora<sup>12</sup>.

Antes mesmo de iniciar a análise do Plano de Governo do ex-presidente todos os conceitos previamente atribuídos a esquerda foram evocados. Esses elementos constituem a base da crítica política direcionada aos candidatos Lula e Fernando Haddad ambos do Partido dos Trabalhadores. Nesse mesmo artigo cada um desses pontos é comentado em conformidade com a narrativa identificada nos textos pesquisados.

#### Progressismo

A ditadura de pensamento se faz presente no plano de governo do Partido dos Trabalhadores – que deverá indicar o candidato a vice, Fernando Haddad, ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo, como cabeça de chapa caso o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indefira o registro de Lula – com a proposta de fazer o Estado um inimigo de quem possui visão ideológica diferente dos partidos de esquerda.

O documento fala abertamente em institucionalizar o combate ao pensamento conservador, ao propor ações estatais “contra o racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa e o avanço do conservadorismo no Brasil”.

Há ainda uma intenção do PT em exercer uma espécie de tutela sobre o povo, com o texto sugerindo que o eventual futuro governo irá fazer a “qualificação da democracia” a partir de programas e ações sociais: “Lula promoverá de maneira inequívoca a universalidade, integralidade e intersectorialidade dos direitos humanos [...] a democratização do poder político e qualificação da democracia”, frisa o documento.

A palavra “progressismo” como já explicitado anteriormente é novamente utilizada para se evocar a própria heterodoxia nos campos político e religioso. Ao mesmo que essa “ditadura

<sup>12</sup> CHAGAS, TIAGO. Autoritário, plano de governo de Lula quer controle da Justiça e legalização de aborto e drogas. GOSPEL MAIS. 24 de agosto de 2018. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/lula-plano-de-governo-aborto-drogas-justica-101688.html>. Acesso em 20 de abril de 2020.



de pensamento” se propõe a quebrar a doxa através do combate “contra o racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa e o avanço do conservadorismo no Brasil”, ela “tutela” o povo via “democratização do poder político e qualificação da democracia”. É curioso que como já demonstrado a palavra “democracia” seja pouco mencionada nos textos ao passo que “ditadura” é amplamente trabalhada para se referir a projeto político da esquerda.

Note que o próprio autor não limitou o “combate ao pensamento conservador” somente ao termo “avanço do conservadorismo no país”, mas também aos termos “racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa”, causas que propõem a quebra da doxa nas estruturas sociais. Nesse contexto, o termo “autoritarismo” vem de forma reificada, tentando atribuir um poder simbólico, ou seja, uma força arbitrária de transformação social (BOURDIEU, 1989) que essas causas não dispõem. Ainda assim, essa força arbitrária de transformação é entendida como agressiva e deslegitimadora ao campo religioso se mantendo também a Fernando Haddad.

É interessante destacar que o mesmo trecho aparece em uma matéria sobre Fernando Haddad no Gospel Mais.

A ditadura de pensamento se faz presente no plano de governo de Fernando Haddad, ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo, com a proposta de fazer o Estado um inimigo de quem possui visão ideológica diferente dos partidos de esquerda. O documento fala abertamente em institucionalizar o combate ao pensamento conservador, ao propor ações estatais “contra o racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a intolerância religiosa e o avanço do conservadorismo no Brasil”<sup>13</sup>.

No que concerne a Fernando Haddad, como o trecho acima sugere, mantém-se a mesma fórmula de abordagem: a constante atribuição de conceitos que venham perverter a ordem e as denúncias de corrupção. Entretanto essas atribuições alcançaram uma abrangência bem maior, sobretudo com o maior destaque em causas que envolvem gênero e sexualidades. Pode-se tomar como um exemplo o artigo de Viviane Petinelli, a única colunista feminina do Gospel Prime publicou um artigo de opinião sobre as eleições intitulado “Por que não votarei no poste de Lula<sup>14</sup>”:

As eleições se aproximam e muito temos ouvido falar de cada candidato. É tanto ataque e tanta mentira veiculada que resolvi, eu mesma, ler e avaliar seus planos de governo (aqui). Eis abaixo minhas razões para não votar em Haddad/Lula:

<sup>13</sup> GHAGAS, Tiago. *Haddad reproduz plano de governo apresentado por Lula: pró-aborto e legalização das drogas*. Gospel Mais. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/haddad-plano-lula-legalizacao-drogas-aborto-102808.html>. Acesso em abril de 2020.

<sup>14</sup> A palavra “poste” é mencionada em uma alusão à estatura de Fernando Haddad de 1,83 metros, forma de se referir comum em artigos de opinião de comentaristas de direita em referência a aparência pacata do ex-Ministro da Educação.

Haddad não defende a vida desde a concepção. Ele promete fortalecer os conselhos e conferências de saúde, onde o discurso pró-legalização do aborto é fortemente defendido (Plano de governo, Proposta 3.2).

Haddad não defende a família natural. Ele promete implementar programas e ações de educação para a diversidade, o que significa ensinar as crianças e adolescentes que todo tipo de relacionamento é família e que todo tipo de relação é natural e positiva (Plano de governo, Proposta 2.4 e 3.1);

Haddad não protege a infância e adolescência. Ele promete implementar e massificar programas e ações de educação para a diversidade, o que significa ensinar e incentivar crianças e adolescentes a terem múltiplas identidades (mulher, homem, gênero fluido, entre outras) e orientação sexual diversa (hetero, homo, bissexual, etc.) (Plano de governo, Proposta 2.4 e 3.1);

Haddad defende uma educação controlada pelo Estado, isto é, a continuidade da doutrinação de crianças e adolescentes nas escolas. Ele promete ampliar a centralização da política educacional no governo federal e fortalecer o projeto de educação (doutrinador) desenvolvido nos governos Lula, Dilma e Temer (Plano de governo, Proposta 3.1);

Haddad defende que as políticas culturais devem ser políticas de Estado. Ele quer investir ainda mais recurso nosso em artistas, peças teatrais e programas que erotizam crianças e propagam a pornografia e a inventada “diversidade sexual” (Plano de governo, Proposta 3.5);

Haddad acredita num Estado forte e controlador da economia e da sociedade (Plano de governo, p. 5-6). Mas temos visto e já sabemos que quanto maior o Estado, mais ineficiente ele é e mais corrupção há;

Haddad não só apoia como também fortalecerá a aliança com governos ditatoriais e corruptos como o da Venezuela. Ele promete priorizar os esforços para fortalecer a União da América do Sul, isto é, fortalecer o projeto socialista do Foro de São Paulo (Plano de governo, p. 11);

Haddad quer implementar uma ditadura “democrática” no país. É isso mesmo! Em nome da democracia, ele rejeita a Constituição e as leis democraticamente criadas. Ele se vê acima da lei. Quer “refundar a democracia brasileira”, como se ela não existisse mais (Plano de governo, p. 4, 10, 12, 17)<sup>15</sup>.

Se por um lado as críticas relacionadas aos casos de corrupção relacionados ao PT em Lula, bem como, as referências a sua prisão, tem um grande apelo na representação do ex-presidente, com Fernando Haddad, essa deixa de ser uma menção. A representação do candidato substituto de Lula e ex-Ministro da Educação, girou em torno do seu suposto autoritarismo aliado ao apelo de gênero e sexualidade. Apenas no artigo de Petinelli, há três menções a esse suposto plano de imposição de novos comportamentos sexuais através da “ideologia de gênero” com o agravante do envolvimento da figura da “criança”.

<sup>15</sup> PETINELLI, Viviane. *Porque não votarei no “poste de Lula”*. GOSPEL PRIME. 5 de outubro de 2018. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/porque-nao-votarei-no-poste-de-lula/> . Acesso em abril de 2020.

A ideia de que a chamada “ideologia de gênero” impõe uma erotização precoce da criança é presente em textos atribuídos à diversos candidatos de esquerda. Contudo, com Fernando Haddad, ela ganha um contorno mais drástico, pelo fato do envolvimento com o episódio do “Kit Gay”.

O chamado “kit gay” foi uma proposta de material a ser entregue ao programa Escola sem Homofobia do Ministério da Educação, na época tendo Fernando Haddad a frente. O material seria destinado “à tematização e à prevenção ao bullying homofóbico nas escolas” (VITAL e LOPES, 2012 p. 109). O “kit gay” consistia em

- 1) um caderno de orientação para o educador, o “Caderno Escola Sem Homofobia”;
- 2) uma série de seis boletins elaborados com uma linguagem juvenil, voltado para a distribuição entre os estudantes;
- 3) um cartaz de divulgação do projeto na escola, em que se estimulava que a comunidade escolar procurasse ter mais informações sobre o projeto;
- 4) cartas de apresentação para os gestores e educadores, apresentando o projeto e indicado as melhores formas de trabalhá-lo;
- 5) e três vídeos educativos que, acompanhados por suas respectivas guias de discussão, poderiam funcionar como estimuladores, pontos iniciais de debate. (VITAL e LOPES, 2012 p.110).

Esse material, que fora “elaborado após diversas reuniões com técnicos do Ministério da Educação, ativistas do movimento de LGBT, educadores de diferentes partes do Brasil” (VITAL e LOPES, 2012 p. 110) entrou em conflito com deputados da Bancada Evangélica. Em especial com o então deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro Jair Bolsonaro (PSL), que distorceu o significado do material e criou alarde na mídia, juntamente com integrantes da Bancada Evangélica da Câmara dos Deputados, dando a alcunha de Kit Gay ao material (VITAL e LOPES, 2012). Esse foi amplamente citado nos textos referenciando Fernando Haddad, chegando a ser citado como “pai do kit gay”:

Quando era ministro da educação (2005-2012) Fernando Haddad teve embates com a bancada evangélica no Congresso por conta do material “Escola sem homofobia”, que ensinava como natural a homossexualidade e a transexualidade para “alunos a partir dos 11 anos e que cursavam o ensino fundamental, do 6º ao 9º ano.

Embora o tema não esteja sendo tratado nesta campanha, muitos ainda associam Haddad ao apelido de “pai do kit gay”, como o material proposto por ele na época ficou conhecido<sup>16</sup>.

<sup>16</sup>ARAGÃO, Jarbas. *Haddad diz que evangélicos “cultivam mesmos valores” que o PT*. Gospel Prime. Disponível em <https://www.gospelprime.com.br/haddad-evangelicos-mesmos-valores-pt/> Acesso em abril de 2020.

As mesmas fórmulas de representação para Haddad e Lula estão presentes em Manoela D'Avila (PC do B), vice candidata à presidência de Fernando Haddad, e Guilherme Boulos candidato pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

A construção simbólica em torno dos candidatos e temas de esquerda evoca uma disputa onde os vilões têm uma função primordial de tornarem legítimas as investidas das figuras eleitas como “heróis”. Como num conto clássico, os vilões são os detratores da ordem, ameaçam a paz, e subvertem os valores da sociedade em que se passam o conto (BENTLEHEIM, 2002). A intensidade da vilania é diretamente proporcional ao brio e a virtude dos mocinhos, geralmente em consonância com a atmosfera criada pelo escritor, que corresponde ao tempo histórico e ao *ethos* social do mesmo (BENTLEHEIM, 2002).

Como se pôde perceber, ambos os jornais se despem totalmente da premissa de objetividade e de imparcialidade do campo jornalístico. Isso acontece ao darem voz apenas para os líderes religiosos mais conservadores do campo evangélico e por terem autores e colunistas dedicados a desferir críticas constantes a apenas uma parte do campo político e do campo religioso. Também ao elegerem toda uma corrente religiosa (os “evangélicos progressistas”) como ilegítima por suas práticas ou crenças ao mesmo tempo em que se propõe em suas missões a dialogar com público evangélico de forma geral.

Os temas eleitos como ameaça a ordem social são temas com um apelo para a quebra da *doxa*. O comunismo, ou socialismo, representariam uma quebra da ortodoxia na ordem econômica e política. A “ideologia de gênero”, o “aborto”, “casamento gay” uma quebra na hierarquia de gênero e sexualidade que é encarado de forma dogmática no campo religioso. Esses conceitos confluem de maneira indistinguível para a alcunha de “progressismo” a forma de pensamento da esquerda político-partidária, a qual procura impor de forma violenta e autoritária.

Como se pode constatar nos artigos pesquisados, os jornais mencionam a “ideologia de gênero” como uma ameaça a formação da criança. Esse conceito foi apresentado pelo então deputado Erivelton Santana (PSC/BA), em 2011, referindo-se uma “doutrinação ideológica” promovida pelo Ministério da Educação na época.

(...) o objetivo não é transmitir conhecimento aos alunos, mas sim inculcar determinados valores e sentimentos na consciência do estudante, a fim de que ele adote determinado comportamento. É um tipo de lavagem cerebral, porque utiliza,

muitas vezes, técnicas de manipulação mental bastante conhecidas. Recomenda-se, a propósito, a leitura do livro *Maquiavel Pedagogo*, de Pascal Bernardin<sup>17</sup>.

Dentro desse embate, o movimento “Escola sem Partido” se cristalizou em torno de um projeto a ser aplicado nas instituições de ensino fundamental que prevê que a palavra gênero seja proibida, bem como, qualquer menção a sexualidade, feminismo e direitos dos LGBTQ, pelo exercício dos professores em sala de aula (VITAL e LOPES, 2013) (ARAGUSUKI, 2018). O movimento encabeça vários parlamentares da bancada evangélica, e tem crescido no debate público nacional, sendo defendido por figuras da política nacional e da religião. A organização mantém uma página na internet denominada *Escola sem Partido*<sup>18</sup>, e, dedicada a denúncias sobre supostos abusos de professores em impor a “ideologia de gênero” em sala de aula.

Portanto, os pânicos morais relativos a ideologia de gênero e as reivindicações dos movimentos sociais (feminista e LGBT), não podem constituir uma cosmovisão exclusiva do campo religioso evangélico.

O mesmo pode-se falar da adoção dos termos “comunismo” e “socialismo”. Esses termos, se tomarmos a definição de Miskolci (2007), também configuram como um “pânico moral” infligido nas narrativas de textos. Se pensarmos que esses pânicos morais são utilizados para desferir a estigmatização em cima de grupos e movimentos sociais, a adoção desses termos se torna adequada. A abordagem dos candidatos de esquerda, sempre em torno de temas tratados dentro de pânicos morais, escancara as intencionalidades de natureza política dos autores dos textos. Outrossim, a prevalência de uma única visão política em todos os comentaristas, colunistas e líderes religiosos, que como Malafaia, atuam como atores que direcionam a visão política ideal para o público evangélico, endossam essa visão unilateral de política.

## Considerações Finais

A construção simbólica em torno dos candidatos e temas de esquerda evoca uma disputa onde os vilões têm uma função primordial de tornarem legítimas as investidas das figuras eleitas como “heróis”. Como num conto clássico, os vilões são os detratores da ordem, ameaçam a

<sup>17</sup>24 Trecho do pronunciamento realizado pelo dep. Erivelton Santana (PSC/BA) no Plenário da Câmara em 16/12/2013, às 16h27 disponível em ARAGUSUKI (2018)

<sup>18</sup> ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em <https://www.escolasempartido.org/>. Acesso abril de 2020.  
*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 28, jan. - jun.2021.*  
ISSN: 1982 -193X



paz, e subvertem os valores da sociedade em que se passam o conto (BENTLEHEIM, 2002). A intensidade da vilania é diretamente proporcional ao brio e a virtude dos mocinhos, geralmente em consonância com a atmosfera criada pelo escritor, que corresponde ao tempo histórico e ao *ethos* social do mesmo (Idem, 2002).

Como se pode perceber ambos os jornais se despem totalmente da premissa de objetividade e de imparcialidade do campo jornalístico. Isso acontece ao darem voz apenas para os líderes religiosos mais conservadores do campo evangélico e por terem autores e colunistas dedicados a desferir críticas constantes a apenas uma parte do campo político e do campo religioso. Também ao elegerem uma toda uma corrente religiosa (os “evangélicos progressistas”) como ilegítima por suas práticas ou crenças ao mesmo tempo em que se propõe em suas missões a dialogar com público evangélico de forma geral.

É fato que o próprio conceito de imparcialidade se encontra em crise. O entendimento da imparcialidade do jornalismo como “a pretensa capacidade de expor o mundo ‘tal qual ele é’ a seus leitores, ouvintes ou espectadores” (MIGUEL e BIROLI, 2010, p 59) encontra obstáculos para se firmar como valor principal no campo jornalístico. Isso se deve a própria forma de funcionamento desse campo que depende de um conjunto de relações “objetivas e invisíveis” com agentes políticos e sociais dos campos de produção cultural que constituem o próprio habitus do campo (BOURDIEU, 1997).

É fato que para entender que o jornalismo como um campo significa entender que “há dominantes e dominados e há relações constantes, permanentes de desigualdade” (BOURDIEU, 1997, p 31), portanto, a produção de um jornalista depende da posição a qual ele, ou sua empresa, ocupa no campo jornalístico. Por conseguinte, a descrição de mundo do jornalista, ou de um jornal, é submetida a essa “visão de mundo” (ou “cosmovisão” como os próprios autores dos jornais defendem em suas missões) construída mediante aos laços com atores sociais em diversos campos.

Os jornais atendem a um discurso de reivindicação de uma *ortodoxia*, visando a manutenção da doxa do campo político e do campo religioso. Essa reivindicação os mantém em sintonia ideológica e partidária. Ainda que os autores e colunistas venham de denominações religiosas distintas, com doutrinas e ritos religiosos diferentes, eles clamam pelo mesmo conjunto de pensamentos e posições políticas ao qual clamam “conservadorismo”.

Como já vimos anteriormente, a posição dos autores do *Gospel Mais* e do *Gospel Prime*, é de especialistas diplomados no campo religioso, possuindo uma posição hierárquica proeminente em suas denominações. Ainda que suas respectivas Igrejas não façam parte de um bloco hegemônico no Campo Religioso Evangélico, eles adotam posições em conformidade com a defesa da *doxa*.

Para proferirem essa defesa eles elegem as posições políticas os temas políticos a serem tratados e a forma de abordagem legítima para o campo religioso. Elegem ainda os candidatos ilegítimos, numa perspectiva política e religiosa, bem como centram em Jair Bolsonaro (PSL/RJ), a única possibilidade legítima de voto.

Com base nos dados apreendidos é perceptível que o fundamento da visão transversal de política e religião do *Gospel Mais* e do *Gospel Prime* é a defesa da *doxa*. A defesa da *doxa* perpassa os interesses de natureza política dos seus idealizadores. O uso da linguagem religiosa reforça suas posições políticas, que de fato tem o respaldo de uma parcela dominante do campo religioso evangélico. Contudo, há uma grande parcela da comunidade evangélica que é da análise de conteúdo dos jornais, só contribuem para concluirmos que eles trabalham com censura e combate aberto para com todo o espectro de esquerda do campo político e religioso. Entretanto essa censura se alastra não só para o campo de esquerda, mas também da direita tradicional brasileira, que sub-referida na narrativa criada, mergulha num vazio aos olhos do público leitor específico. A intenção dessa censura não é condenar, mas, dar centralidade a narrativa em torno do candidato apoiado, o então presidente Jair Bolsonaro, como única opção frente a esquerda, sendo o silenciamento mais bem sucedido operado pelos jornais.

## Referências.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Revista Novos estudos. Cebrap**. Vol.38no.1 São Paulo. Página 06, 2019.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus. 2008.

BRAGA, Renê Morais da Costa. A indústria das fakenews e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Volume I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220. ISBN 978-85-67134-05-5. Disponível em: <https://goo.gl/XmUwkd>. Acesso em: 14 de abril. 2020.

BRAGA Sérgio; CARLOMAGNO Márcio. Eleições como de costume? Uma análise longitudinal das mudanças provocadas nas campanhas eleitorais brasileiras pelas tecnologias digitais (1998-2016). Brasília. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 26, p. 7-62, agosto de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2RpIAPu> . Acesso em: 10 dez. 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

JORNAL GOSPEL PRIME. Disponível <https://www.gospelprime.com.br/> visitado em 10 abril 2016.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. São Paulo. **Revista USP**, nº 120: 61-76, 2019.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28. p.101-128. 49 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100006> . Acesso em: 10 de abril. 2020.

WAGNER, Lázaro. **Vote de acordo com a Bíblia**. Gospel Prime. Disponível em <https://bit.ly/3aD1SIIt>. Acesso em: 20 de out 2018.

WAGNER, Lázaro. **Brasil conservador ou progressista?** Gospel Prime. Disponível em <https://bit.ly/30PD8rY> . Acesso em 15 nov, 2018.



SIMILARWEB. Disponível em <https://www.similarweb.com/> . Acesso em 01 jul. 2018.

Recebido em 30 – 05 - 2021

Aprovado em 15 - 07 - 2021

Publicado em 21 – 07 - 2021

